



DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/relaec.35338>

## INSURGÊNCIAS DECOLONIAIS: VALIDAÇÃO DO ESPAÇO E DO FAZER TERAPÊUTICO DE LIDERANÇAS FEMININAS DE TERREIRO NO CUIDADO E ATENÇÃO À SAÚDE MENTAL DA MULHER NEGRA VIOLENTADA EM TEMPOS DE PANDEMIA NO ESTADO DE SERGIPE

DECOLONIAL INSURGENCES: VALIDATION OF THE SPACE AND THERAPEUTIC CARE OF FEMALE LEADERSHIP IN TERREIRO CARE AND ATTENTION TO THE MENTAL HEALTH OF VIOLENTED BLACK WOMEN IN PANDEMIC TIMES IN SERGIPE STATE

**JOUSE MARA FERREIRA SANTOS** (Ilê Axé Omon Tobi Oya Lokê)

**RESUMO:** O presente artigo chama atenção para a necessidade de desinstitucionalizar espaços e práticas de cuidado, decolonizar estruturas hegemônicas e validar outros fazeres, dinâmicas e técnicas que podem se somar às já validadas pelo SUS para atenção e cuidado à saúde mental em tempos de crise. O objetivo deste estudo busca ressaltar os recursos terapêuticos e como as estratégias utilizadas no Território Terreiro se apresentam como opção terapêutica afrocentrada. Para tanto, foi trazido para referendar, as práticas em tempos de pandemia do Ilê Axé Omon Tobi Oya Lokê, situado na cidade de Aracaju/SE. Suas interventivas de acolhimento e escuta qualificada, atendem às demandas locais e pontuais com dinâmicas para o cuidado de corpos sofridos, abusados violentados e execrados. O atendimento reorientativo em particular à mulher negra violentada, se desenvolve no assentar do itinerário interventivo de resolução. A perspectiva da Afrocentricidade proposta por Molefi Asante, já qualifica metodologicamente a pesquisa, pois aqui não há conjunções alternativas. Para validar o espaço como possibilidade de cuidado à saúde mental, trazemos além de técnicas, as narrativas de cinco mulheres negras, constatando a subnotificação já observada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de Sergipe no ano de 2020. Para análise, as epistemes trazidas atendem tanto para a compreensão territorial como para a demanda situacional. No sulear metodológico, contemplam-se indicadores que desorientam e outros que repotencializam. A técnica do Storytelling (histórias orais) alinhada a técnica dos Itans (contos africanos) apresentam-se como caminho de repotencialização. Esta última, que apesar de não exclusiva, possui tipicidade única, que mesmo não trazida em antologias hegemônicas, permite elucidar em terapia, o aprisionamento mental que as impede por exemplo de denunciar. A subnotificação da violência doméstica revela-se nas narrativas. Observa-se também na análise dos indicadores, que a procura por estes espaços se dão pelas possibilidades das aproximações sociais e das feridas coloniais. Constatou-se que traçar um itinerário terapêutico potente e resolutivo que atenda para a dissolução de gatilhos abissais faz alcançar na libertação, o empoderamento para a formalização da denúncia. Suas práticas propõem no reORientar o afroreconectar das africanidades, como a tecnologia da água das quartinhas, recriando possibilidades, e legitimando o (re)sentir e a oralidade como fator potencial de hígidez ancestral e de autonomia relacional de seus agentes. Voltar um olhar ético e contemplativo nestes espaços é a insurgência, pois quando se trata de questões com ameaças catastróficas à vida, são estes espaços, com seus saberes, que estão para os seus, igualmente como suas práticas que tanto são perseguidas e julgadas. Validar o fazer terapêutico de lideranças femininas pretas, é fixar mais uma rota humanitária para a atenção e o cuidado da saúde mental da população negra. Trata-se de suleamentos sem pretensão de finalizações, pois nesta cosmovisão, o ebó epistêmico é continuum.

**Palavras-chave:** Terapêutica de Terreiro; Pandemia; Violência doméstica; Afroreconectores.

**ABSTRACT:** This article draws attention to the need to abandon institutionalization of care spaces and practices, to decolonize hegemonic structures and to validate other actions, dynamics and techniques that can be added to those already validated by SUS for mental health care and care in times of crisis. The aim of this study is to highlight the therapeutic resources and how the strategies used in the Terreiro Territory are presented as afrocentric therapeutic options. For this purpose Ilê Axé Omon Tobi Oya Lokê, located in the city of Aracaju / SE, was brought to endorse the practices in times of pandemic. Their welcoming and qualified listening interventions meet local and punctual demands with dynamics for the care of suffering, abused, abused and abused bodies. The reorientative assistance in particular to the raped black woman, it develops on the basis of the interventional resolution itinerary. The perspective of Afrocentricity proposed by Molefi Asante, already qualifies the research methodologically, because here there are no alternative conjunctions. To validate the space as a possibility of mental health care, we bring in addition to techniques, the narratives of five black women, confirming the underreporting already observed by the Sergipe State Public Security Department in the year 2020. For analysis, the epistemes brought meet both for territorial understanding and for situational demand. In the methodological survey, indicators that disorient and others that re-potentialize are contemplated. The Storytelling technique (oral stories) in line with the Itans technique (African tales) are presented as a path to re-empowerment. The latter, which although not exclusive, it has a unique characteristic, which, even if not brought in hegemonic anthologies, allows to elucidate in therapy, the mental imprisonment that prevents them, for example, from denouncing. The underreporting of domestic violence is revealed in the narratives. It is also observed in the analysis of the indicators, that the search for these spaces is due to the possibilities of social approaches and colonial wounds. It was found that tracing a potent and resolute therapeutic itinerary that attends to the dissolution of abyssal triggers leads to liberation, the empowerment for the formalization of the complaint. Their practices propose in reORient the afroreconnection of Africanities, such as water technology in the small rooms, recreating possibilities, and legitimizing (re) feeling and orality as a potential factor of ancestral health and relational autonomy of its agents. Returning an ethical and contemplative look at these spaces is the insurgency, because when it comes to issues with catastrophic threats to life, it is these spaces, with their knowledge, that are for theirs, as well as their practices that are both pursued and judged. To validate the therapeutic practice of black female leaders is to establish yet another humanitarian route for the attention and care of the mental health of the black population. These are stretches without pretending to finish, because in this worldview, the epistemic ebó is a continuum.

**Key words:** Terreiro Therapeutics; Pandemic; Domestic violence; Afroreconnectors.

## Introdução

Mo júbà Òjìsé! O ano de dois mil e vinte marca um período de grandes mortes, violências e inúmeros desafios. Debates em redes virtuais retomam discussões acerca dos rumos da Política Nacional de Atenção à Saúde Mental em tempos de crise. Neste ano, vivenciamos um colapso sanitário mundial e um total desmantelo do Ministério da Saúde Brasileiro. E mais uma vez é a população negra quem mais sofre os impactos. Mediante a emergência da atual pandemia ocasionada pelo coronavírus SARS-CoV-2, causador da síndrome COVID-19, o distanciamento e o isolamento estão sendo recomendados como medidas profiláticas por período indeterminado, abrindo caminhos para o aumento da violência doméstica, num imposto de violações de direitos que se agiganta, oprimindo, silenciando e matando. Nesta, a inclusão de outros espaços e novos instrumentais são necessários para somar com as redes de cuidado, apresentando suas técnicas potentes e resolutivas.

As fronteiras das desigualdades e de violação de direitos como os epistemicídios, impõe no tempo e no espaço pautas difíceis de serem definidas, principalmente para alcançar diretamente as mulheres negras, pobres e periféricas. O descaso, a falta de assistência e planejamento trazem mais sofrimentos e incidem sobre estes corpos, um composto de anulações e desvalorizações, abusos violentos que impactam significativamente suas existências. Seus agravantes manifestam implicações mentais, num descarrillamento que colide com a falta de espaços que promovam

reconstruções de processos identitários, uma importante reflexão quando entendemos que temos o direito de buscar caminhos, possibilidades e itinerários de atendimentos que nos contemple, tanto quanto for necessário. Nesta elucidação, pensar em estratégias de cuidado e atenção à saúde mental dos povos de comunidades tradicionais é responsabilidade de todos.

O Candomblé, espaço Território Terreiro, mantém em sua tradição viva, práticas que reativam o registro bioancestral, a identidade, a memória afetiva e de pertencimento para o sobreviver em diáspora. Atentar-se para como estas comunidades tradicionais de matriz africana respondem aos impostos, restrições, atravessamentos, violações e crises mundiais, é voltar um olhar ético e contemplativo de validação de suas práticas, pois, além de posicionarem-se em linha de frente, acolhem corpos sofridos e violentados, nutrindo e repotencializando. Aqui faz-se necessário salientar que, as práticas de cuidado não se restringem aos serviços e instituições de saúde pública ou privada. Precisamos entender que as práticas oferecidas pela atual Política Nacional de Saúde como universalizadas, não atendem aos nossos porque não alcançam o nosso sentir. Universalizar é colocar todos num mesmo barco e navegar, coisa que sabemos ser impossível contemplar, basta observar o atual contexto, as atrocidades e as realidades do tecido social brasileiro em tempos de crise e outros contextos. Chamar a atenção das instâncias governamentais para fixar possibilidades e novas rotas de cuidado e saúde, incluindo os espaços Terreiro, se faz necessário, pois práticas de cuidado não são restritas

as instituições por fundarem suas ações em conhecimentos eurocientíficos, ela perpassam por outros contextos como os sociais, culturais e religiosos ancestrais.

Ao entender sua importância neste atual contexto e atendendo às orientações da OMS (Organização Mundial da Saúde) e aos decretos governamentais, espaços Territórios Terreiros, alteram suas dinâmicas internas e redesenham suas práticas. Ao redesenhar, propõem ofertar dentro das mais variadas possibilidades, práticas de acolhimento por entender que o corpo físico e a saúde mental das mulheres negras precisam neste momento de mais cuidados. Conscientes da necessidade de pôr em prática novas ações, Lideranças Femininas Negras Sergipanas de Comunidades Tradicionais Terreiro de Matriz Africana, a exemplo do: Ilê Axé Ojú Ifá Ni Sahara, liderado pela Yalorixá Sônia Oliveira, que além de incontáveis ações em tempos de pandemia, destaca-se com o Projeto Ilerá Ara (Corpo Saudável), para o acolhimento e cuidado de quem cuida do outro, com dinâmicas experienciadas, vividas e sentidas, atendem filhas de santo, às mulheres negras do seu Ègbé e seu entorno; O Nzo Águas da Penha, liderado pela Mameť u de Nkisi Jaciara Chagas, que atua na linha de frente no provimento de alimentos para o sobreviver dos seus e com práticas de cuidado com vistas ao acolhimento, promovendo o bem estar psíquico em momentos de incertezas como estes, atendendo as demandas das mulheres e de sua comunidade e o Ilê Axé Omon

Tobi Oyá Lokê, liderado pela Yalorixá Jouse Zuzarte, Terreiro que vamos trabalhar em questão, que possui suas práticas voltadas para o fazer terapêutico preto, com itinerário afrocentrado, focando no distanciamento, a crise, o conflito e a reflexão. Neste último, as práticas estão postas para alcançar mulheres vítimas de violência doméstica que em isolamento estão impedidas de transitar e/ou denunciar. Os três Terreiros citados, atendem para além de práticas de acolhimento em tempos de pandemia, com dinâmicas interventivas potentes e resolutivas, respondendo de forma militante e com afinco as mais variadas situações e contextos sociais, rompem com o isolamento, colocando-se na linha de frente para o cuidado e sobrevida dos seus, acolhendo pessoas em situação de conflito, apresentando práticas específicas tão quanto a tecnologia da água da quartinha<sup>1</sup>.

De maneira geral seus posicionamentos centrados, técnicas e intervenções já são válidas porque atendem para as demandas dos nossos. Aqui é significativo apreender como as estratégias utilizadas no Ilê Axé Omon Tobi Oyá Lokê se colocam como opção terapêutica de acolhimento em tempos de crise e advoga-se sobretudo pelo reconhecimento e validação das práticas deste espaço Terreiro. Kaô nos valha, porque Ketu falará!

## Referencial Teórico

Os dados estatísticos brasileiros a respeito das

se despotencializando e se preenche quando promove um novo re+sentir vital. A tecnologia do balançar da água da quartinha, é uma tecnologia que possibilita a potencialização como elemento portador do axé de vida para o corpo.

---

<sup>1</sup> A água (omi) é o elemento vivo que nos dá vida. A quartinha de barro (amọ) representa o corpo físico que guarda o elemento vital. A junção das duas composições omi e amò, produzem efeitos significativos sentidos no no corpo (lara). O seu balançar permite revitalização, quando esvazia-

desigualdades de gênero, evidenciam que a violência contra as mulheres, é um fenômeno histórico por diversas vezes denunciado e que apesar dos posicionamentos das instâncias públicas e privadas, os números crescem assustadoramente. O avanço para esta pauta ainda atravessa um longo caminho, principalmente para o recorte racial. Todavia, já se ampliam espaços de discussões, visando alternativas para o enfrentamento e contenção das suas formas de reprodução, no tocante a violência contra a mulher negra, questão central deste estudo.

Impedidas e fragilizadas emocionalmente, sucumbidas a atender a satisfação machista, a alienante #fiqueemcasa em tempos de crise pandêmica, reproduz em seu inconsciente, um modus comportamental anestésico que as despotencializam quando pensada na possibilidade de ajuda e/ou denúncia. Revela-se num ataque violento operado por um sistema racista e excludente que provoca desarranjo mental, submetendo-as à outras violências, como somatizações e outros efeitos traumáticos de base racial. Inertes permanecem a maioria destas mulheres, e não vislumbram saídas eficientes ofertadas pelas Políticas Públicas atuais difundidas para todos. Sobre isto Djamila Ribeiro nos convida a refletir: “Quando muitas vezes, é apresentada a importância de se pensar políticas públicas para mulheres, comumente ouvimos que as políticas devem ser para todos. Mas quem são “todos” ou quantos cabem nesses “todos?” (RIBEIRO, 2019, p. 40).

Com práticas universalizadas, instâncias públicas e privadas

promovem ações e estratégias de enfrentamento à violência contra as mulheres em redes sociais, mas ainda faltam para as mulheres negras, ações com visualizações mais específicas, bem como de outros espaços que acolha, cuide e que ao mesmo tempo as guie na formalização da denúncia e assegure na retomada, a proteção de sua existência. Compreender e promover ações e estratégias que atendam a realidade e o contexto para a sobrevivência de vidas negras, suas dimensões conflitivas e de cunho social, é uma urgência na política brasileira para a Saúde e Segurança Pública. Execradas, cansadas, confusas, doídas, sem recursos financeiros e sem perspectivas, práticas terapêuticas de acolhimento em tempos de crise oferecidas pelos espaços Territórios Terreiro, surgem como farol quando vistas desamparadas. Acolhidas em suas dores, compreendidas e sentidos seus sofrimentos, cicatrizam feridas invisíveis pelos espelhos, pois veem refletidas suas dores em outras dores. Chamo atenção aqui para as violências contra as mulheres negras lideranças de Terreiro, que em meio a um cenário de extrema incerteza e mortes, também são violentadas, de forma contínua. Se permitir ser cuidada por estas mulheres e por estes espaços, é encontrar possibilidades do (re)sentir para curar como em diluições homeopáticas<sup>2</sup>, pois estas lideranças entendem como a violência atravessa de maneira devastadora às vidas de mulheres negras.

Quanto a compreensão territorial, a vertente epistemológica trabalhada no espaço território Terreiro Ilê Axé Omon Tobi Oya Lokê não deve causar estranheza se

---

<sup>2</sup> As diluições homeopáticas atendem para o princípio geral de que semelhante cura semelhante.

considerarmos os epistemicídios que invalidaram nossos referenciais. Mais que atribuir valor, é incubência nossa, fomentar estas epistemes no nosso fazer terapêutico e chamar a responsabilidade daqueles que ainda estão sob efeito jabuticaba<sup>3</sup>, os macaxeiras<sup>4</sup>, para o despertar da hipnose do modo fazer colonial. A possibilidade encontrada na Afrocentricidade como base epistêmica, alinhada as propostas do Mulherismo<sup>5</sup>, permite atender as demandas apresentadas e trabalhá-las alinhadas às práticas tradicionais africanas, suas inquietações e clamores. Ocorrer não contemplar e/ou desvincular estas epistemes, atende para a lógica eurocentrista, onde para o crivo do colonizador não importa especificar se é uma prática válida ou não.

Como um desafio social a ser enfrentado devido a invisibilização destes espaços, apoiar-se no afrocêntrismo re+ORI+enta<sup>6</sup>, pois torna consciente cada ação, estratégia e intervenção, objetivando realocar os sujeitos em conflitos como agentes de seu processo. Para RIBEIRO (2019) a proposta trata particularmente disso, de centrar os povos em diáspora e reorientá-los na história, possibilitando assim reencontrar sua localização e construir sua própria agência para denúncia e libertação.

---

<sup>3</sup> Sobre o "efeito jabuticaba", sular entre a Filósofa Katiúscia Ribeiro e Olorode Òjijàn Káláfó Jayro Pereira, acerca dos impactos dos destroços colonialistas, alertando para o atual movimento de luta antirracista faz refletir acerca das armadilhas da branquitude.

<sup>4</sup> Macaxeiras, adjetivo comumente utilizado pelo escritor aracajuano Severo D'Acélinio, quando atenta para a não localização de sujeitos, ações e práticas que atendam a agenda

## Dados da violência contra mulher em tempos de pandemia no Estado de Sergipe.

Países em confinamento e bilhões de pessoas tendo que se abrigar em casa contra a infecção mundial do novo coronavírus. Mulheres tendo que conviver dia e noite com seus parceiros violentos, separadas de seus núcleos familiares, sem recursos financeiros e destruídas emocionalmente, é o cenário perfeito para o aumento da violência doméstica e feminicídio. Segundo dados anteriores à pandemia, no mapa da violência contra as mulheres, às mulheres negras são as mais vulneráveis e possuem mais chances de serem violentadas que as mulheres brancas. Estes dados fazem parte do estudo Atlas da Violência 2018, apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). De acordo com Agência Brasil, em comunicado, a entidade FBSP, torna público registros que confirmam queda nos boletins de ocorrência, evidenciando que, ao mesmo tempo em que as mulheres estão mais vulneráveis durante a crise pandêmica, mais dificuldades possuem para formalizar a queixa contra os seus agressores (BOND, 2020).

do povo preto. É o fazer de consciência preta e subjetividade branca.

<sup>5</sup> A proposta do Mulherismo nos objetiva pensar o lugar das mulheres pretas a partir de nós.

<sup>6</sup> Re+ORI+enta enfatiza a ação de orientar novamente em outro sentido. Aqui mais central, mais afrocentrado. Seu indicativo localiza o sujeito para que sua fala, pensamento e conduta em diáspora estão voltados para África num ciclo de realinhamento afroconsciencial.

Estudos recentes, já apontam que em dois e mil e vinte, no Brasil, há aumento da violência em algumas cidades. No nordeste brasileiro, considerando o contexto atual, é importante destacar que o Estado de Sergipe apresentou uma menor taxa de violência doméstica durante a pandemia. Para a Agência Eco Nordeste, os dados de crimes não letais contra mulheres, durante a Covid-19, não refletem a realidade pois o isolamento dificulta ainda mais as denúncias por parte das mulheres agredidas (CRISPIM, 2020).

**Tabela 01** –Índice de violência doméstica no Nordeste de março a abril de 2020.

| Violência doméstica (Lei Maria da Penha) no Nordeste |              |              |         |
|--|--------------|--------------|---------|
| Estado   | mar/abr 2019 | mar/abr 2020 | Varição |
| CE   | 1.924        | 2.431        | 26,35%  |
| RN   | 1.286        | 1.041        | -19,05% |
| PE   | 7.304        | 5.563        | -23,83% |
| PI   | 841          | 593          | -29,48% |
| SE   | 221          | 153          | -30,76% |
| AL   | 510          | 295          | -42,15% |
| BA   | 5.260        | 2.638        | -49,84% |

FONTES: DADOS FORNECIDOS PELOS ÓRGÃOS DE SEGURANÇA PÚBLICA DOS ESTADOS OS ESTADOS DO MARANHÃO E DA PARAÍBA NÃO FORNECERAM DADOS SOBRE OUTROS CRIMES.

**Fonte:** Maristela Crispim. EcoNordeste, 2020.

Na tabela acima constata-se que em quase todos os estados do nordeste, houve uma redução dos registros de lesão corporal dolosa em decorrência de violência doméstica quando comparada com o ano passado (CRISPIM, 2020). O estudo nos chama atenção também para o estado do Maranhão pelo aumento de casos, com variação de 166,7%, de 6 para 16 vítimas. Ainda explica que os dados que apontam para a redução, o que reforça a dificuldade da formalização da queixa pela da violência praticada por seus parceiros neste período. (CRISPIM, 2020) Entende-se que essa redução é interpretada pela sua subnotificação, ressaltando o cenário perigoso onde a combinação de raça, gênero e classe social exponenciam seus agravantes, onde muitas estão em condições precárias e

desempregadas, sem renda ou diminuída por conta dos impactos no mercado de trabalho voltando-se mais vulneráveis do que antes (CRISPIM, 2020).

Ainda de acordo com a pesquisa do FBSP (2018), ressalta-se o aumento dos casos de feminicídio no Brasil de 22,2% durante a pandemia da Covid-19. O levantamento feito salienta que exemplo do ocorreu em outros países, os dados demonstram que as mulheres brasileiras encontram dificuldade para pedir ajuda às autoridades (CRISPIM, 2020). Este estudo de Violência Doméstica durante a pandemia de Covid-19, foi realizado a pedido do Banco Mundial, com intuito é de medir o impacto da pandemia e da quarentena sobre a vida das mulheres brasileiras. Penso que o estudo é significativo mas falta especificar nos dados o aumento dos números para as mulheres negras e não somente universalizar, pois já discorre na pesquisa que o Brasil também viu crescer o número de denúncias registradas no Ligue 180, que é a Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência junto ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). Fato que nos chama atenção para contemplarmos, quem são estas mulheres?

## Metodologia

Como fonte inicial para análises, foram coletadas cinco narrativas de mulheres negras em situação de conflito que buscaram o espaço território Terreiro Ilê Axó Omon Tobi Oya Lokê, como possibilidade de locus terapêutico. Para delimitação, os critérios de elegibilidade dos participantes foram as narrativas em situações de violência doméstica. Para proteção de

seus agentes, foram identificados apenas com as iniciais do nome e idade. Os dados foram coletados no fim de março e meados de julho de dois mil e vinte. A técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, que teve como instrumento um roteiro composto por questões semiabertas que versavam sobre informações de cunho identitário e social. Os atendimentos foram realizados no Terreiro, gravados e tiveram duração média de 40 minutos. Posteriormente, foram transcritos para suleamentos empíricos. Para elucidação e compreensão das narrativas e do campo conflitivo e situacional, a transcrição de algumas partes contempla aquilo que compõe a origem deste artigo.

O campo de análise proposto é o Afro-Cêntrico<sup>7</sup>, pois entende-se aqui que para análises e suleamentos a perspectiva Afrocêntrica é posta para posicionar e/ou localizar o lugar de fala das mulheres negras cujos episódios narrados elucidam a violência como elemento central da problemática a ser trabalhada. Nesta perspectiva a Afrocentricidade já qualifica metodologicamente a pesquisa, pois não há conjunções alternativas, ela “se anuncia como uma forma de ideologia antirracista, antiburguesa e antissexista que é nova, inovadora, desafiadora e capaz de criar formas excitantes de adquirir conhecimento baseado no restabelecimento da localização de um texto, uma fala ou um fenômeno.” (ASANTE, 2016, p. 03). Para direcionar o percurso metodológico,

se investigam dois elementos centrais: a desorganização sentida pela problemática conflitiva e as atribuições explicativas que vinculam códigos excludentes naturalizados.

## Resultados e Discussão

A violência doméstica contra as mulheres e principalmente contra as mulheres negras que está subnotificada neste contexto de crise nos assusta e nos inquieta, pois nos mata. Sobre a morte, (FOUCAULT 2010 apud ALMEIDA, 2019, p. 115), salienta que “a morte aqui não é a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição”. Sua face fria e sombria nos desafia e movimenta outros espaços que estão em linhas de frente e de apoio às Políticas Públicas. Phumzile Mlambo-Ngcuka diretora executiva da ONU Mulheres, chama atenção em documento na ONU quando relata que o confinamento é uma tempestade perfeita para controlar o comportamento violento a portas fechadas (NAÇÕES UNIDAS, 2020). Neste observa-se também que importantes medidas são apontadas por ela, como linhas de ajuda para mulheres, que devem ser um serviço essencial e com financiamento específico, bem como o apoio às mulheres e comunidades de base em seu atual papel de linha de frente.

O poema de Beatriz Nascimento que retrata o querer viver, os sonhos rompidos, os anseios das muitas mulheres negras de uma vida como tantas outras, mas

<sup>7</sup> Molefi Asante salienta que a palavra "Afrocêntrico" havia sido usada por Kwame Nkrumah, líder de Gana, em 1961 em um discurso na Universidade de Gana, em Legon e foi com a publicação do livro *Afrocentricity: The Theory of Social Change* (Afrocentricidade: A teoria de

mudança social) em 1980 que a perspectiva buscou privilegiar a identidade, os conceitos, os pensamentos e as ações africanas, como a base para uma nova abordagem do conhecimento. (ASANTE, 2016, p. 6).

compelida pelas estruturas do racismo, sexismo e capitalismo, nos fala:

Antes tudo acontecesse como antes aconteceu. Não vindo como algo novo seduzindo o que não estava atento. Antes tudo acontecesse como o aviso do sinal Atenção! “Está prestes a se concretizar”. E não como serpente silenciosa em seu silvar. Antes tudo acontecesse quando te sentisses forte Capaz de reagir, que pudesses sangrar. Antes tudo acontecesse como se fosse o previsto visto de trás ou de longe, antes que te atingisses de frente. Antes tudo acontecesse como acontecem as histórias de encontros e rompimentos, num mergulho sem demora. Antes tudo se passasse como passa o Arco-íris Num momento luz, noutro bruma e crepúsculo. (NASCIMENTO, 1987 *apud* RATTS, 2006, p. 44)

Destarte, ao observar serem rompidos sonhos, e mergulhadas em frustrações e desesperos, surge a necessidade de acolher as dores destas mulheres em situações conflitos de violência. E assim faz a liderança feminina de terreiro “Terreiro de Candomblé”, do Ilê Axé Omon Tobi Oyá Lokê, Yalorixá Jouse de Oyá, conhecida como Banitaji, que abre canais de comunicação on-line, para atendimento, apresentando como mais uma possibilidade de cuidado em tempos de pandemia e traz em suas práticas terapêuticas itinerários afrocentrados. Estas, já consolidadas, são coordenadas por suas duplas pertenças, conhecimento e experiência do fazer Psicologia, alinhado-as aos saberes e pensares pretos e de Terreiro, trazendo no viés militante, a aplicação de técnicas inclusivas e contínuas, ainda que ilhada em seu espaço Terreiro pela

estrutura social racista que tenta invalidar suas práticas e seu fazer afroterapêutico. Apesar de, este Território segue decolonizando e desinstitucionalizando estruturas hegemônicas embranquecidas, assegurando a estas mulheres outros itinerários humanitários, ainda que invisibilizado, sem apoio de Políticas Públicas e por muitas vezes lhe faltando materiais, como por exemplo, um bom computador e impressora para melhor atendimento, acompanhamento e planejamento. Diante dos obstáculos, segue a pulso firme apoiada por seus membros, one. apesar das dificuldades, suas práticas legitimadas pela ancestralidade, avançam e alcançam mulheres de outros estados.

Observada às necessidades neste período de isolamento, os serviços oferecidos pelo Terreiro em questão, ao redesenhar seu fazer terapêutico, divulga suas práticas em redes sociais, dando visibilidade aos atendimentos realizados no locus Terreiro. As plataformas Telegram, Whatsapp, e-mail e telefone são disponibilizadas e nestas ebós epistemológicos assumem a centralidade da práxis, potencializando as técnicas de acolhimento e escuta qualificada. Para contemplar a categoria de ebó epistemológico, a episteme já difundida pelo Professor e Babalorixá Sidnei, nos alcança pois se refere ao “somatório da afrocentricidade com os saberes tradicionais das CTTro no Brasil.” (NOGUEIRA, 2020, p. 127)

### **Narrativas de mulheres negras atendidas e em situação de conflito.**

Para elucidar a importância do trabalho neste espaço, trago aqui nas cinco falas abaixo, as narrativas de

mulheres negras em situação de conflito de violência doméstica, atendidas no fim de março à julho de 2020. O período marcado como inicial, já se observa a violência após confirmação do primeiro caso de Covid-19 no Estado de Sergipe em março, na cidade de Aracaju. Ao iniciar cada atendimento é apresentado o formato do itinerário afrocentrado para conhecimento. Elucidadas as premissas iniciamos as análises já contemplando nas narrativas trazidas: como a problemática conflitiva se interrelaciona com os marcadores da cartilha de Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: violência doméstica e familiar na COVID-1 (BRASIL, 2020) e como analisar os códigos excludentes naturalizados, estes gatilhos estarão destacados e sublinhados para melhor visualização.

A primeira paciente em solicitação por telefone, inicia o itinerário terapêutico e nos fala do motivo que a trouxe ao atendimento. *“Tô solteira, me separei. Tô aliviada sabe, sofria muito com aquele homem. Eu amava e não consigo tirar ele de minha cabeça (choros). Ainda tô meio perdida. Não consigo falar e nem me relacionar com mais ninguém. Tudo me lembra ele. Eu perdi quase tudo na vida, até minha família se afastou de mim porque ele gritava, me humilhava e me enganava. O pior é que eu já sabia que tudo isso ia acontecer. A gente pensa estar preparada mas não está. Voltei pra casa de meus pais porque tá tudo difícil, tive que ficar sem trabalhar porque o restaurante fechou com essa pandemia. Tô bem, mas não é a mesma coisa, sinto que esta me faltando algo em mim” (Paciente C., 38 anos). Sua fala evidencia que apesar de apresentar para si novos caminhos, o trauma conflitivo ainda está presente,*

dificultando a retomada de novos afetos. Seu campo emocional estilhaçado pelo relacionamento anterior abusivo e tóxico, ainda não foi repotencializado. Observa-se na fala o quanto o rompimento de seus vínculos familiares afetou quando atendia para a imposição de seu agressor. Aqui observa no quanto a imagem mental do agressor ainda a violenta, deslocalizando-a de si. A isto salienta BRASIL (2020, p. 10), quando diz que “as mulheres podem passar a ter menos contato com sua rede socioafetiva, afastamento que pode favorecer a perpetração de violências.”

A segunda paciente, atendida em abril, intitula-se morena e traz em seu relato a dependência e humilhação pública como formas de violência. *“Ele já virou a cabeça disse que não me quer já tem oito dias, mas é sempre assim, por bobagem. Eu entendo porque também não fico calada, mas não sei o que fazer porque ele esta sem trabalho e era ele quem me ajuda a pagar o aluguel e a água. Fui atrás dele ontem. Foi pior, ele parecia bicho, me empurrou e me xingou na frente dos amigos (choros) Eu tô desesperada, mas queria que ele voltasse, porque estou sem dinheiro. (Paciente L., 25 anos)”*. Neste relato observa-se como a estrutura social, com a falta de perspectiva e desemprego, anestesia a mulher violentada. Neste período de incertezas e em dependência total de seu agressor, BRASIL (2020, p. 11) enfatiza que “o homem e/ou a mulher podem ter o sustento da família limitado ou ameaçado, resultando no aumentando do estresse e no agravamento da convivência conflituosa e/ou violenta.”

A terceira paciente, nos fala do sentimento de exclusão, da falta de representatividade e de recursos financeiros. *“Eu não tenho como pagar*

*uma boa consulta particular e nem vou mais pro posto e nem mais pra canto nenhum. Da última vez que fui lá, a mulher parecia que tinha nojo de mim, nem olhava na minha cara. Daí tem uns dias que eu soube que você também atendia. Te juro que só deu vontade de vim, porque vi na foto a senhora estava de torso<sup>8</sup>. Daí, já vi logo que era do babado<sup>9</sup> como eu (risos). Eu convivo com essa pessoa violenta tem mais de 8 anos e de dois anos pra cá ele ficou pior. Não me separei porque tô desempregada e agora com essa pandemia piorou tudo. Nem pra sair pra procurar emprego pode mais. Mas eu sinto que não gosto mais dele. Me dá até uma coisa por dentro só de pensar. Quero viver minha vida.” (Paciente E., 27 anos). Observa-se na fala a necessidade de desvinculação e libertação de si do ciclo conflitivo. Observa-se também o que BRASIL (2020, p. 11) quando elucida, “a falta de recursos financeiros e o acesso restrito aos serviços de saúde dificultam o afastamento do agressor e o rompimento do ciclo da violência”. A importância de se ver representadas nas redes de cuidado, podem ajudar na formalização da denúncia. O despreparo técnico dos agentes de saúde observados é ação recorrente em qualquer contexto de atendimento à saúde quando relacionada às vidas negras. O racismo permite que se negue suas existências. É urgente desinstitucionalizar práticas universalizadas hegemônicas racistas e excludentes nos atendimentos do SUS. É preciso capacitar profissionais, para tão importante missão que é acolher dores.*

<sup>8</sup> Torso ou Pano de Cabeça, é um elemento de identificação. São usados em várias culturas. Faz parte do vestiário dos negros Africanos e Candomblecistas.

A quarta paciente nos chama a atenção pela idade e pela violência que recai sobre si. É jovem, negra e mãe de um filho. Iniciou-se o atendimento com escuta de base qualificada e direcionada com vistas à compreensão da problemática e da possibilidade do itinerário de intervenção. *É que eu tenho um filho do marido de minha tia. Estou com ele desde que eu tinha 14 anos. Ele me dava tudo até o dia que eu disse que não queria mais ele. Eu tô com um namorado que nem sabe que ele é marido de minha tia. Ele vive me ameaçando. Já me bateu na rua e já brigou com meu namorado. Quando ele bebe, vem direto atrás de mim. Se eu for dar parte dele vai ser pior pra mim, né! Ele dá as coisas pro meu filho e sem isso como vai viver eu e meu filho?* (Paciente M., 16 anos). Observa-se nesta fala o abuso por familiares próximos e traz no seu relato o retrato social brasileiro quando em idade de adolescência muitas vezes são violentadas, além do agravante abusivo de álcool neste período segundo BRASIL (2020, p. 7), onde “o aumento do uso abusivo de álcool e outras drogas no ambiente familiar tendem a aumentar a probabilidade de ocorrer violência (psicológica, física e sexual), pois a capacidade de contenção dos próprios atos pode encontrar-se reduzida.” Embora diferentes estatísticas da violência contra adolescentes não apresentem indicadores precisos, as consequências traumáticas invalidam e impede as de denunciar.

A quinta paciente ao saber que os atendimentos seguiriam em outro formato, pergunta quando haveria a possibilidade de falar com Dona

<sup>9</sup> O babado, adjetivo regional utilizado para explicar um boato, como também para localizar o pertencer grupal, como por exemplo: Ela é do “babado”, ou do “blé” referindo-se ao Candomblé.

Maria. Dona Maria<sup>10</sup>. Avisada do interdito e das mudanças das práticas em tempos de pandemia, o atendimento durou menos que o previsto em relação aos outros. Ela relata em sofrimento, a violência abusiva sofrida e traz sua experiência de diálogos exuísticos<sup>11</sup>. *“Eu tô sofrendo muito por ele e queria falar com Dona Maria. Ela sempre me ajuda a resolver meus problemas. Fiquei com uma dívida enorme depois que minha mãe faleceu. É tudo tão complicado. Tenho até vergonha de falar pra senhora algumas coisas mas acho que a senhora sabe que ele me batia sem necessidade. Mas deixe, eu só queria falar com ela. É que preciso entender porque não consigo esquecer. Não sei, não sei, não sei. (Paciente P., 38 anos).* Observa-se aqui a relação aproximada com as múltiplas versões de Exu. como possibilidade de conexão dialógica exuística. Trazida nesta narrativa, elucida também suas limitações interrelacionais. A destruição psíquica causada pela violência impedem estas mulheres de se relacionarem socialmente, escondem suas dores, evitando ser julgadas, preferem estar para outras dinâmicas que mitiguem suas dores. Trabalhar criteriosamente essa prática, apresentada como possibilidade de realinhamento, nos cobra uma postura ética, pois é preciso estar atentos para que novos atravessamentos não assumam centralidades.

Dilucidados os pontos considerados como núcleos a serem trabalhados e observados como se

<sup>10</sup> Dona Maria é um catiço feminino, pombagira que atende pelo nome de Maria Mulambo e trabalha em prol do terreiro há 25 anos atendendo pessoas em situação de conflito. Alocadas nesta categoria a Pombagira, conforme Prandi (1996, p. 148) "trata dos casos de amor, protege as mulheres que a procuram, é capaz de propiciar qualquer tipo de união amorosa e sexual", elas aproximam-se de

justificam a problemática nas narrativas com vistas a pensar quais técnicas afrocentradas podem ser aplicadas para dar uma resposta rápida à situação conflitiva, pois as falas já confirmam os dados apresentados pela FASP de subnotificação da violência contra mulheres em Sergipe durante a pandemia de Covid-19, reforçando problemáticas sociais, e observadas a complexidade de implicações e contextos sociais, os quais reafirmam ser agravantes para naturalização de códigos excludentes despotencializadores que incutem dependências e elucidam a permanência ao lado de seus agressores. Independente dos dados estatísticos, entender que é no isolamento, onde muitas estão confinadas com seus companheiros, desempregadas, abaladas emocionalmente, enclausuradas e silenciadas que são agredidas, ofendidas, denegridas, desrespeitadas, humilhadas, retiradas sua potência de mulher e dominadas permanecem em aprisionamentos mentais, adoecendo e somatizando feridas invisíveis e dores. Inundadas de pensamentos excludentes e despotencializantes se autoanulam, autoinativam, autoanestesiaram e se autoimpedem de notificar.

Estas mulheres em isolamento, aprisionadas e amedontradas por não mais suportar as dores invisíveis, lutam pelo sobreviver de si e de suas descendências, num conflito psíquico interno quando sua natureza clama

membros da comunidade e adeptos num transitar aproximado de vivências sentidas e vividas, incidindo obsequiosamente conselheiras na vida daqueles que os procura.

<sup>11</sup> Diálogos Exuísticos é um termo trazido no texto para explicar as múltiplas compreensões de diálogos que Exu possibilita, quando apresentada as encruzilhadas conflitivas e tensionais.

pela liberdade de mulher, colidindo com a reorganização de processos internos, identitários e de pertencimento. Atentando para os elementos identitários, pensar que elementos visuais culturais favorecem a vinda dessas mulheres, já contempla satisfatoriamente a pesquisa, pois penso que uma prática terapêutica preta traz grandes resultados sendo trabalhadas por pessoas pretas, pois é na visualização da representação de seus semelhantes, que encontramos a ética relacional nagô. A dinâmica apresentada para contemplação das narrativas e compreensão da prática de acolhimento valida seu fazer terapêutico, pois se deve entender que há outras formas de se trabalhar empiricamente as coisas, os fatos e os fenômenos no mundo.

### **A fala como técnica de cura na validação do itinerário terapêutico afrocentrado de terreiro.**

Sair deste lugar de subalternidade, de subserviência, de subordinação é um processo, tenso e doloroso. O itinerário interventivo proposto, fomenta a autoescuta, num fluir ético que assegure à sua existência um bem estar psíquico. Sobre essa importante colocação NASCIMENTO (1980, p. 264) discorre que “assegurar a condição humana das massas afro-brasileiras há tantos séculos tratadas e definidas de forma humilhante e opressiva, é o fundamento étnico do quilombismo.” É por esta ética étnica que nos voltamos pois entendemos que é preciso cuidar do nosso povo e pensarmos em nossa localização enquanto grupo pois “temos uma história e uma forma de vida, que nós somos um grupo dentro de sociedade brasileira, dentro da sociedade toral

brasileira.” (NASCIMENTO, 2018, p. 144). O assegurar convida a esta mulher negra em estado de sofrimento a re+ORI+entar e repensar o processo conflitivo vivido.

Saber-se violentada e naturalizando atitudes agressivas, abusivas e violentas, apresentam como atravessadas estão anestesiadas em seus sistemas reestruturantes. Para trabalhar estas falas, a categoria do ebó epistemológico assume os realinhamentos pela episteme do afrossentido, desmistificando e potencializando, pois “tem a ver com a postura acolhedora que nasce justamente do cosmosentido.” (NOGUEIRA, 2020, p. 128). Sua aplicação é compreendida pela possibilidade afrointerpretativa quando em suleamento. E mais que isto é importante entender que esta episteme “está na liberdade dos sentidos e das existências, na liberdade das vivências, das experiências e do compromisso com o que se é.” (NOGUEIRA, 2020, p. 128).

Revisitar dores pulsantes e intensas, são feridas invisíveis que inflamam. Pensando na aplicação das técnicas para o resentir nos provocamos quando problematizamos em como restituir uma identidade atravessada de códigos excludentes embranquecidos? Assim como num exercício diário e reflexivo nos atentamos sempre para o decolonizar de pensamentos hegemônicos para o preenchimento de memórias identitárias. Um dos primeiros passos encontrados foi trabalhar os códigos excludentes implantados e naturalizados, gatilhos abissais, obscuros e subterrâneos, assombros mentais internos que causam feridas invisíveis (FANON, 2008), para isto, afrocentrar a fala é indiscutível e necessário, pois “falar é assumir uma

cultura, é suportar o peso de uma civilização.” (FANON, 2018, p. 33). Este caminho abre importantes diálogos epistemológicos com as teorias psicanalistas nos permitindo trazer complementaridades, pois acessar o inconsciente estruturado à dominação eurocêntrica, exige estratégias e manejos específicos.

Ao desenhar o itinerário terapêutico preto de Terreiro para atenção à saúde mental às mulheres violentadas, a experiência sentida e vivida pela fala, foi trabalhada para ressignificação, identificação e pertencimento, neste fazer trouxemos os afroreconectores<sup>12</sup>, como códigos de alinhamentos baseados nas tradições africanas, que se apresentam como técnicas potentes como os espelhos da fala, que trabalha a autoescuta, elemento que contribuiu para o redirecionamento da situação problema. Fazer uso deste instrumental tradicional é contemplar novas estratégias alinhadoras de consciências destroçadas em resistências e sucumbidas à dominação machista, racista e colonialista.

Analisada as narrativas trazidas e as violências sofridas por estas mulheres em situação conflito, entende-se que às intervenções devem produzir ações concretas desde o acolhimento. As dinâmicas e o vínculo terapêutico devem fomentar a fala como elemento de emancipação, pois se muito difícil é sair deste lugar de submissão, mais difícil ainda é falar e/ou denunciar. A voz é um elemento de potencialização para emancipação e aproximação. No acolhimento a compreensão da própria escuta, as localiza na retomada. É um mecanismo que, se utilizado pela

perspectiva do tradicionalismo da oralidade, pela tradição viva (HAMPATÉ BÂ, 2010), trará por si só, caminhos identitários, já que para compreensão das violências que recaem sobre si e “numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experimentar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão.” (RIBEIRO, 2019, p. 85).

Ao se perguntar: Mas o que tudo isso tem a ver com as práticas de lideranças de Terreiro? Tudo! Acolher e escutar problemas, queixas e dores, são exercícios diário das lideranças femininas destes espaços. E se faz necessário validar, já que as práticas eurocêntricas ocidentalizadas ofertadas pelo Sistema de Saúde, não alcançam muitas destas quando em vulnerabilidades, nem compreendem suas dinâmicas e nesta incompreensão violam existências e experiências. Como bem salienta Lélia Gonzalez, “neste trabalho assumimos nossa própria fala.” (GONZALES, 1984, p. 225) e a posição que se ocupa assegura ações afirmativas. A isto NASCIMENTO (1981, p. 211) já salienta que “seu caráter libertário é considerado um impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo.” Trata-se do saber cuidar de vidas negras em todas as suas dimensões, pois nos reconhecemos e nos constituímos, e a prática nos atende pois esta para a compreensão sentida e vivida da dororidade, expressão defendida pela feminista negra Vilma Piedade que intersecciona a dor pelas opressões, de gênero e raça. PIEDADE (2017, p. 18) discorre que “a Dororidade trata sobre as violências que atingem as mulheres pretas” este compreender

<sup>12</sup> Os afroreconectores são todos os elementos que possibilitam a reconstrução de novos ressentir. São itans, orikis, aduras, enfim, tudo

aquilo que possibilite o sentir de África em diáspora.

alicerça as epistemes e possibilita no reconectar da bioancestralidade, as recriações identitárias.

As narrativas em primeira pessoa quando deixam emergir o aprisionamento mental, os códigos naturalizados e a fragilidade emocional, mostram a face abusiva da violência e a solidão da mulher negra. Uma violência à qual todas nós mulheres negras somos submetidas. Forçadas a um brutal jogo de silenciamentos que impõem fronteiras abissais no modo de compreensão do conflito, entender que “as mulheres negras são mais propensas a serem membros de um grupo oprimido, têm uma compreensão mais crítica sobre a condição de nossa opressão que aqueles que vivem fora dessas estruturas.” (COLLINS, 2015, p.122). E aqui pela sentida da compreensão, recai ao Terreiro de Candomblé, como *locus* tido periférico, um modo de produzir terapêutica pra saúde, que assume como responsabilidade deste lugar e lhes particulariza. Aqui não se nega o acolher e nem mais transferir o cuidar. Sobre a particularização do fazer neste lugar nós, “não desejamos transferir para outros as responsabilidades que a História nos outorgou.” (NASCIMENTO, 1978, p. 137). Manter as dinâmicas ativas destes espaços atendem para o reavivamento das tradições onde as práticas trazem técnicas para sobrevivência, para cura e libertação.

### **Trabalhando as narrativas: Storytelling de repotencialização através dos itans.**

---

<sup>13</sup> Afrocêntrica, o termo aqui colocado em maiúscula no final, permite visualizar uma localidade afrocêntrica, chamar a atenção de

Compreendidas às narrativas e a problemática social conflitiva, devemos nos atentar para que as armadilhas colonialistas que delimitam fronteiras, não reduzam as narrativas sofridas a vitimismos (ditos eurocidentalizados). Por exemplo, na dinamização do itinerário terapêutico, não contemplar a categoria exuística trazida e seus desdobramentos é negar a existência de outras tradições diaspóricas culturais e religiosas em solo brasileiro. Assim, como repotencializar estas mulheres sem fazê-las cair nas armadilhas da branquitude? Como fazer destas mulheres agentes conscientes de seu lugar, de seu sofrimento e de seu corpo sofrido, agredido, humilhado e execrado? Como trabalhar paralelamente um itinerário terapêutico rápido, potente e profundo? A perspectiva Mulherista, materno-centrada e a Afrocêntrica<sup>13</sup>, são epistemes que possibilitam a reconstrução do dismantelo psíquico, operando em múltiplas versões e contextos, como num cordão de ligamentos em fluxos circulatórios, esvaziando, preenchendo e fluidificando, rompendo aprisionamentos, num ressentir com repousos constantes assim como a água das quartinhas.

Da necessidade de reconexão, todos sabemos, porém, poucos fazeres em práticas terapêuticas de Terreiro direcionam-se à questão: em como as práticas de comunidades tradicionais podem construir instrumentais de intervenção afropositivos para atender mulheres negras violentadas e em situação de conflito. Embora saibamos que os elementos afroreconectores, estejam para nós e para todos que buscam, manuseá-los,

que no esvaziar, preencher de Áfricas, África diásporica de África continental.

implica estar em África, pois é lá, localizada ao Sul que estão seus referenciais de oralidade para apreensão. Este movimento de validação das coisas africanas já é visto por NOBLES (2009, p. 280) e discorre que “agir de outra forma é restringir o conhecimento africano e as suas inspirações ao campo de visão dos instrumentos e das interpretações europeus.” Esta importante compreensão contempla a técnica trazida pois também reconhece que “os contos orais vieram antes dos textos escritos em todas as tradições religiosas” (SUNWOLF, 2005, p. 306).

No Candomblé, os elementos afroreconectores são utilizados sempre e destacando sua importância para aqueles que estão em aprendizado e em estado iniciático. Observam-se resultados satisfatórios quando nas mais variadas situações trabalham-se contextos sociais de vulnerabilidades e seus agravantes, além de ser uma fonte de sabedoria tradicional. Apesar das tentativas de silenciamento e perseguição do Terreiro e sobre seu *locus* de reservas de técnicas e práticas, (GUATTARI E ROLNIK *apud* RAMÃO, MENEGHEL, OLIVEIRA, 2005, p. 84) nos fala que ele não foi completamente devastado pelas semióticas capitalísticas, “dispõe de reservas extraordinárias de meios de expressão não logocêntricos, podendo se articular em formas de criação totalmente originais”. Complementando o que traz VELECI (2017, p. 68) quando diz “os terreiros foram constituídos para ser uma recriação dos territórios africanos, um espaço onde aqueles que foram escravizados e obrigados a deixar sua terra mãe pudessem retornar, só que em solo brasileiro.”

<sup>14</sup> *Itan* é o termo em iorubá/nagô dado para o conjunto de todos os mitos, canções, histórias e outros componentes culturais. “Mais do que

E como já dizia minha mãe, Fátima Zuzarte, quem não sabe o que ouve, também não sabe o que faz e nem sabe o que diz. Dito ancestral familiar que nos permite refletir quando for localizar a intervenção, a técnica e a autoescuta como um potencial libertador. Nas dinâmicas utilizadas, a técnica das histórias orais, os *itans*<sup>14</sup>, apesar de não reconhecidos pelo sistema educacional brasileiro são utilizados “para ensinamentos, tanto nos quartos de consulta de terreiros de candomblé, quanto nas rodas dos mais-velhos e também na contação de histórias entre os afrodescendentes, com objetivos didático-pedagógicos.” (PÓVOAS, 2004, p. 25-26). Trazê-los como proposta a ser aplicada edifica a técnica pois seus alcances são extraordinários para trabalhar subjetividades estilhaçadas. A técnica é potencializada sempre que e a cada uso pelo método *Storytelling*, adquirindo habilidades específicas para respostas rápidas, o que particulariza o fazer terapêutico quando por diversas vezes a improvisação nos toma. Sulear afrocentradamente deve um exercício para não cair nas armadilhas da branquitude. Neste movimento, ao trabalhar no itinerário afrocentrado, contempla-se a técnica quando percebemos estas mulheres passarem de “ouvintes a contadoras” (RAMÃO, MENEGHEL, OLIVEIRA, 2005, p. 84). A respeito da técnica das histórias orais, (SUNWOLF, 2005, p. 307) explica que “de fato, podem ser um recurso ímpar para alimentar o espírito, pois produzem impacto emocional”. Neste sentido, utilizar dos *itans* para no acolher repotencializar vivências assim como para realinhamentos, posiciona a técnica como eficiente pois

moralidade, elas encerram ensinamentos.” (PÓVOAS, 2004, p.13).

não há necessidade de aceitação de outras conjunturas, ela apenas se conecta numa linguagem sentida como a materna intra-uterina, num ressoar relacional e existencial.

Ao narrarem suas vivências de violências físicas e psicológicas que ferem e causam efeitos emocionais devastadores, a técnica permite a estas mulheres um acolher com intervir concreto, que possibilite na autoescuta trocas sentidas como pílulas de libertação. Na aplicação da técnica no Terreiro, os *itans* podem ser trabalhados através por exemplo das histórias orais das Àyabás (Mães Rainhas) que atendem aqui a demanda central. Neles podem ser ressignificados os seus mais variados papéis, “mulheres, mães, guerreiras, sedutoras, caçadoras, amantes, independentes, profissionais, sagradas e mães sem um marido”. (NOGUEIRA, 2020, p. 132). Neste, repotencializar com histórias orais nos permite trabalhar traumas profundos, questões de fragilidades e autoimagem pelos espelhos Oxunicos por exemplo, para o descolonizar pensamentos hegemônicos e potencializar o empoderamento, registrando novas memórias, num balançar entre o presente, o passado e o futuro. Seria a técnica do *Storytelling* uma apropriação cultural? Melhor saberia explicar o Babalorixá Rodney, uma vez que o colonialismo provocou epistemicídeos e com eles apagamentos de técnicas hoje reconstruídas mas com um “esvaziamento de significados” (WILLIAM, 2019, p. 170). Aqui não discutiremos este recorte, mas trazemos a técnica e incluímos aquilo do Outro como tal e somente, até quando não encontrarmos suas origens.

A técnica de utilizar os *itans* é potente, tradicional e milenar

(NONGENILE MASITHATHU ZENANI *apud* SUNWOLF, 2005 p. 308) já salientam que “contar histórias é uma junção sensorial de imagens e idéias, um processo de recriar o passado nos termos do presente”. Destarte, é importante destacar que não basta apenas contar qualquer *itan*, as histórias devem ser bem selecionadas para que tracem rotas os realinhamentos. Sua aplicação requer sempre a junção de outras técnicas que possibilitem mergulhos mais profundos. Os elementos afroconectores de aproximação possibilitam pelo viés materno-centrada um gestar e renascer de potências no experenciar por exemplo, como a água da quartinha (líquido amniótico que nutre com gotas diluídas de suas ascendências) e da quartinha (corpo preto resistente) para no perceber, o balançar de esvaziamento e preenchimento estejam refletidos os movimentos de reativação de memórias ancestrais e de saberes pretos atendendo quando no despertar de suas mentes, aprisionadas, adormecidas e anestesiadas. Pela abordagem materno-centrada “é essencial ressaltar que a abordagem materno-centrada não necessariamente está ligada à gestação físico-uterina, mas, sim, a todo um conjunto de valores e comportamentos de gestar potências.” (NJERI; RIBEIRO, 2019, p. 600-601). E como feedback satisfatório, o compreendido MỌ WÁ! (EU EXISTO!), já contemplado em atendimentos, representa o momento de realinhamento afroconsciencial de si, quando passam a reconhecer-se, embora estejam enfrentando tormentas, que são potências de suas potências, num (re)sentir do existir de si, integrada ao ser mulher, à terra Mãe fecunda, sentindo-se enfim grandiosas pois são parte deste todo.

Reativadas memórias e suas bioancestralidades, os diálogos voltam-se para a compreensão deste movimentar. Neusa Souza, em seu livro “Tornar-se Negro” nos presenteia quando explica este processo, como sendo um momento importante, pois saber-se negra além de experienciar vivida e sentida violada em identidades, perspectivas e submetidas as mais variadas exigências, “é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.” (SOUZA, 1983, p. 17).

Um itinerário terapêutico de terreiro que atenda pela perspectiva da afrocentricidade como método de base e dinâmica e técnica principal, de decolonização do pensamento hegemônico opressor e desinstitucionalização de terapêuticas embranquecidas ofertadas no mercado das trocas ressignificativas, é válido. Trazer para esta decolonização, tanto para o campo teórico como para o prático, na tentativa de (re)construção de subjetividades, a perspectiva metodológica posta em questão, é tão importante como a tecnologia ancestral das águas das quartinhas, que num balançar afroconsciençal de re+ORI+entação, utiliza aquilo que se tem para aquilo que se é, pois é isto o que potencializa o fazer terapêutico. Esta metodologia nos contempla, pois, “em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionamentos orientam significados subjetivos destes corpos muitos já desestruturados pela matriz da opressão.” (AKOTIRENE, 2019, p. 43).

## O terreiro na rota humanitária da rede de cuidado e atenção à saúde mental.

Como já pontualiza Phumzile Mlambo-Ngcuka, (NAÇÕES UNIDAS, 2020), a violência que está emergindo agora como uma característica sombria dessa pandemia é um espelho e um desafio aos nossos valores, nossa resiliência e humanidade compartilhada. As atuais estruturas oferecidas pelas políticas públicas para o cuidado e atenção a saúde mental em tempos de crise não atendem aos nossos porque não alcançam as nossas demandas. Há sérios problemas ainda antigos no tecido social brasileiro quando não percebem discriminando e violentando seus semelhantes. Nele, o racismo estrutural já instaurado e mais violento vai se performando como controle social (ALMEIDA, 2020) fazendo reproduzir diariamente situações abusivas e devastadoras, alimentadas pela lógica colonialista, que naturaliza violências.

A falta de instrumentais afros que atendam os nossos nos equipamentos públicos do sistema de saúde com estratégias concretas para trabalhar corpos sofridos estilhaçados por preconceitos, difamações, calúnias, injúrias, hipersexualizações, abandonos, abusos, violências, humilhações, racismo, sexismo, dentre outros, faz recair para os espaços periféricos como os Terreiros de Candomblé, o papel de cuidador. Percebido como um ato de negação secular, de ataque desvalorativo, a falta de mecanismos, estratégias e representatividades, dificulta o acesso destas mulheres, por não se sentirem acolhidas em dororidade, afastando-se cada vez mais destes espaços universalizados quando buscam por um atendimento acolhedor e

humanitário. Submeter estas mulheres a um ressentir de violências é cruel e danoso.

Na ânsia e esperança de encontrar espaços que entendam e acolham suas dores, é no Terreiro que avistam o farol de acolhimento da sua dor. Enquanto Psicóloga e Yalorixá, faço importante anunciar em todas as oportunidades cabíveis, que a busca pelas práticas terapêuticas de Terreiro já estão na rota das possibilidades de caminhos para à saúde e saúde mental. Sobre isso, (ROSA, 2002; VALLA, 2001; VASCONCELOS, 2006; GOMBERG, 2008, *apud*, PORTUGAL, 2016, p. 2) advogam que é preciso “despertar a atenção e sensibilidade de pesquisadores e gestores de saúde para os espaços religiosos como um local que possui várias possibilidades de realizações na promoção de saúde e do exercício de cidadania”, pois, ceifados de validar suas terapêuticas, são as lideranças femininas de CTTro que seguem com suas práticas mesmo invalidadas e invisibilizadas pela sociedade classista, elitista e hegemônica brasileira. São estas lideranças que seguem atendendo e acolhendo demandas em tempos de crise. Nesta anúncio, é importante buscar contemplar outras práticas de Terreiros afrocentrados e que estão em linha de frente, e nesta busca enfatizar o que já salienta (SOUZA, 2008, p. 106-107) que “suas estratégias são as mais distintas possíveis, essas comunidades se estabelecessem enquanto lócus de alteridade em relação a dita sociedade nacional e reivindicam o reconhecimento de sua cultura, de seus costumes, de suas formas de organização.” Aqui o reconhecimento deste território, atende a lógica de pertencimento que o fundamenta. Aqui as validamos, já que nos

possibilita trabalhar a reconstrução de identidades pela “continuidade histórica da transferência do sagrada da sabedoria dos ancestrais” (D’ACELINO, 2019, p. 135).

Aqui provooco um exercício reflexivo, não despotencializando outras práticas, mas fazendo compreender que tão como é conveniente impor aos nossos práticas eurocentralizadas, é conveniente também aos nossos não querer mais ser acolhidos em salas frias, diálogos mudos e divãs a meia luz. Insistir é violar, é atender e reproduzir a lógica do crivo do colonizador. A prática antirracista consiste nisso, em reconhecer e aceitar que estes Terreiros são espaços onde mulheres negras se acolhem e se cuidam. É chegado a hora de despertar da sepultura hipnótica do efeito jabuticaba, e assumir posturas afrocêntricas, que tanto servem para estas lideranças, como para Psicólogos, Assistentes Sociais, Médicos, Enfermeiros e tantos outros. Saber que estas técnicas favorecem quando ao analisar as estruturas conflitivas que atravessam corpos sofridos e excluídos; os discursos aprisionados em narrativas; os gatilhos naturalizados e todos os elementos despotencializadores de desorganização das estruturas mentais. Instrumentalizar-se nestes saberes é emancipador pois, suas técnicas são potentes “onde e sobretudo a cultura tradicional permite reconexões” (D’ACELINO, 2019, p. 135).

Fazer emergir afroconsciências em potências, para que tomem o controle e a centralidade de suas próprias vidas e sejam seus próprios agentes de cura, de revolução, de libertação mental, política e social, desenvolvendo uma identidade de pertencimento é o que propõe o

itinerário terapêutico e a técnica utilizada. E como nossa proposta também é afro-centrar, é para a direção Sul que as localizamos. Não contemplar estas epistemes para estas problemáticas, é permitir que “cicatrices psicológicas impostas pelo racismo cotidiano.” (KILOMBA, 2019, p. 92), revivam traumas coloniais onde “a mulher negra continua a ser o sujeito vulnerável e exposto.” (KILOMBA, 2019, p. 157).

Considerando que as mulheres em diáspora “já acumulam discriminações e têm acesso dificultado aos serviços de saúde e a outros direitos sociais constitucionalmente garantidos” (FIOCRUZ, 2020, p. 2), fomentar esta prática e seu itinerário terapêutico é um caminho para a interlocução para fixação de mais uma extensão na rede de cuidado e atenção à saúde mental para a população negra. Pois vistos neste estado de MAAFA<sup>15</sup>, termo que “Maulana Karenga (2001) compreende maafa (ou o “holocausto africano”) como a destruição da possibilidade de humanidade que envolveu a redefinição da humanidade africana para o mundo”, o caminho para sobrevivência e permanência de acordo com Aza Njeri diante deste estado “é nutrir-se de África e Améfrica Ladina para se apropriar, ressignificar e repetir as práticas genuinamente negras”. (MORAES, 2020, p. 197). Nutrir-se para emergir, como bem demarca Phumzile Mlambo-Ngcuka quando enfatiza que “devemos não apenas sobreviver ao coronavírus, mas emergir renovadas, com as mulheres como uma força poderosa no centro da recuperação.” (NAÇÕES UNIDAS, 2020).

---

<sup>15</sup> O termo enfatiza que a negação da humanidade africana como um fenômeno

É preciso destacar também que se faz necessário entender estes Territórios enquanto espaços de resistência e pensar junto ao movimento negro estratégias para o futuro, como já salientava Lélia Gonzalez em entrevista cedida ao Jornal MNU onde afirma que “nós temos que estabelecer tarefas dentro de um campo concreto e rapidinho desenvolver uma militância muito ativa junto às próprias comunidades negras espalhadas pelo Brasil.” (MNU, 1991, p. 8.). Este quilombiar para alinhar esta para o exercício do fortalecer de vozes, pois, a “questão da militância tem que ter esse sentido e aí nós temos que aprender com os nossos antigos, os africanos, esse sentido da sabedoria, esse sentido de saber a hora em que você vai interferir e como você vai interferir.” (MNU, 1991, p.9). Este suleamento é necessário para “uma abertura para a interlocução entre SUS e terreiro para que novas redes de apoio e cuidado à saúde possam se constituir, possibilitando a otimização de recursos humanos e a potencialização de equipamentos sociais”. (ALVES, 2012, p. 91). Assumir uma ética nagô interventiva já pensada para trabalhar na linha de frente com às Políticas Públicas em tempos de crises, é levar as técnicas africanas e de sabedoria ancestral para o cuidar do nosso povo, das nossas comunidades.

As ações concretas alinhadas no espaço Terreiro atendem ao princípio da equidade no Sistema Único de Saúde (SUS) pois remete à premissa da Humanização e das Práticas Integrativas e Complementares, contemplando o “reconhecimento dos diferentes valores e práticas civilizatórias que constituem o Estado brasileiro.”

secular os efeitos contínuos de atrocidades infligidas ao povo africano e afrodiaspóricos.

(ALVES, 2015, p. 877). Mais do que uma tentativa de validações, este estudo deve ser visto como uma proposta para aprofundamentos sempre que se apresentem contextos e sujeitos em vulnerabilidade. Nesta luta estamos todas, porque somos todas, “somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autoras/es e autoridade da nossa própria realidade.” (KILOMBA, 2019, p. 238). Neste sulevar, a BI, bioética da intervenção, “cria compromissos com as populações historicamente desprivilegiadas e vulneradas” e assume a tarefa de denunciar práticas universalistas e anunciar novas e velhas práticas e técnicas negras para cuidar de vidas negras”. (NASCIMENTO, 2010, p. 296).

## Considerações Finais

Insurgências são clamores em tempos pandêmicos que já elucidam como espaços negros se movimentam e se reinventam, dando seguimento à luta por uma sociedade antirracista e pelo direito à vida, como grito de sobrevivência.

Neste estudo, circunscrever somente as variáveis específicas da violência contra a mulher não atende de forma justa a nossa luta, tratou-se aqui de elucidar também quem são e onde estão estas mulheres, assim, anunciar que mulheres violentadas buscam atendimento em outros espaços não convencionais (dito colonialistas), não é um movimento promocional, é um fazer ético quando observa-se a necessidade de reposicionamentos e redesenhamentos de práticas para atender as demandas dos seus como estratégias para o sobre+viver.

Legitimar esta prática de Terreiro é validar seu espaço, onde,

embora e ainda seja considerada diferente das universais, já estão consolidadas e podem atestar dados estatísticos e indicadores da violência no estado, pois não envolve somente um levante de comprovação.

Fixar os Terreiros como rotas de cuidado e humanização vinculadas às práticas do SUS é promover uma desinstitucionalização. A prática do acolhimento e a escuta qualificada são técnicas ancestrais de Terreiro com atuação em linha de frente em tempos de pandemia. Estar abertos a estas práticas; atentos aos impostos de violações de direitos; ao manejo diagnóstico da situação conflitiva; as dinâmicas e técnicas trabalhadas pela episteme afrocentrada, onde itans e ebós epistemológicos são desenhados, é um fazer terapêutico que nos é caro pois se reveste de alto valor ético, onde as encruzilhadas dialógicas traumáticas, conflitivas e tensionais, se entrecruzam onde a responsabilidade anuncia o caráter.

Contemplar as dimensões afrocêntricas e matrigestoras como um referencial de retomada na perspectiva do voltar para si, é um caminho contemplativo pois nele o (re)sentir são âncoras terapêuticas que nos equilibram, nos reorganizam e nos realinham. Situar estas mulheres na travessia, centrando-as na fala e na escuta, cura-se feridas invisíveis. A técnica do Storytelling, manejada afrocentradamente assume como fundamental no acolher interventivo pois os saberes africanos atuam como referências tanto para a sobrevivência, como para o cuidado, como para libertação, pois, quando se trata de questões com ameaças e crises catastróficas, são os nossos espaços e os nossos saberes pretos, que estão para os nossos, igualmente como nossas práticas que tanto são julgadas que estão na linha de frente.

Aqui por diversas vezes plurarizo pois sei que muitas destas práticas existem, só precisam emergir. Falo então por todas elas em mim e já faço reconhecer na minha produção os seus fazeres, pois sei que quando uma mulher negra, pesquisadora e de Candomblé elabora uma técnica inspirada na sua localidade e alinhada aos saberes pretos, rompe com as estruturas e invisibilidades nos campos institucionais universalistas.

Neste finalizar divido estas experiências pois compreendo como Yzalú, que mulheres convencionais lutam contra o machismo e as negras pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo. Aqui seguimos com nosso compromisso ético, em manter a tradição viva, num sirê libertador com vozes de ancestralidades em unicidade.

Devo então (re)demarcar que trazer este fazer terapêutico não serve apenas como mecanismo de contribuição, mas por ser um repara+dor da dívida histórica racial para com estas mulheres e seus intensos e abusivos processos violentos quando sequestradas, traficadas, vendidas, violentadas, abortadas, abolidas, execradas e eliminadas. Neste tecer de compromisso ético-nagô seguimos decolonizando pensares de nós e destes espaços na América Latina, pois somos a episteme negra em movimento e nos ocorre agenciar outras formas de repotencializar subjetividades, pois é chegado o tempo de falar-mos de nós por nós mesmas, de nos anunciar como num canto Elza Soares, e fazer sair de todos os espaços a mulher de dentro de cada um. É se isto não ressoa como um fazer Psicologia Preta de Terreiro, que seja mais um suleamento desta mulher negra, desta Yalorixá, desta filha de Oyá, que segue bebendo águas barris e

re+ORI+entando Oris. Aqui, MỌ WÁ! Me curo e me liberto. E faço minha existência ser vista como autora de nossas histórias e outras existências, pois há em mim, ascestralidades de lideranças negras em potências, que a cada passo me alimenta e me faz pulsar Atlântica, é Oyá! Sem pretensão de finalizações, saúdo as encruzilhadas que possibilitaram a Àlàáfà de nós para este caminhar, tomo benção a todos e me despeço. Laróyè!

## Referências

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, M. C. **Desde dentro: processos de produção de saúde em uma comunidade tradicional de terreiro de matriz africana**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Psicologia, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5012/1/000438065-Texto%2BParcial-0.pdf>> Acesso em: 30 jun. 2020.

ALVES, M. C.; JESUS, J. P. de; SCHOLZ, D. **Paradigma da afrocentricidade e uma nova concepção de humanidade em saúde coletiva: Reflexões sobre a relação entre saúde mental e racismo**. Saúde em Debate, 39(106), 869-880. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v39n106/0103-1104-sdeb-39-106-00869.pdf>> Acesso em: 30 jun. 2020.

ASANTE, M. K. **Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia**. Ensaios Filosóficos, Volume XIV– Dezembro/2016.

Disponível em:  
<[http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/00\\_Revista\\_Ensaos\\_Filosoficos\\_Volume\\_XIV.pdf](http://www.ensaiosfilosoficos.com.br/Artigos/Artigo14/00_Revista_Ensaos_Filosoficos_Volume_XIV.pdf)>  
Acesso em: 30 jun. 2020.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019

BÁ, A. H. **A tradição viva**. KI-ZERBO, Joseph. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em:  
<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod\\_forum/intro/hampate\\_ba\\_tradicao%20viva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/345975/mod_forum/intro/hampate_ba_tradicao%20viva.pdf)>  
Acesso em: 20 jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (CEPEDES/Fiocruz). Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli (Claves/Fiocruz). **Programa de Investigação Epidemiológica em Violência Familiar (PIEV-IMS/UERJ). Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: violência doméstica e familiar na COVID-19**. 23 Abr., 2020. Disponível em:  
<<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/saude-mental-e-atencao-psicossocial-na-pandemia-covid-19/>> Acesso em 23 mai. 2020.

BOND, L. **Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante pandemia. Números da violência contra a mulher caíram em apenas três estados**. Agência Brasil - São Paulo, 01/06/2020. Disponível em:  
<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>>

em-12-estados-durante-pandemia>  
Acesso em: 20 jul. 2020.

COLLINS, P. H. Raça, Classe e gênero como categoria de análise e reflexão. In: MORENO, Renata (org). **Reflexões e práticas de transformações feministas**. São Paulo: sempreviva organização feminista, pp. 13-42, 2015. Disponível em:  
<<http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2016/01/reflex%C3%B5esepraticasdetransforma%C3%A7%C3%A3ofeminista.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2020.

CRISPIM, M. **Feminicídios aumentam no Nordeste durante a pandemia**. Disponível em:  
<<https://agenciaeconordeste.com.br/feminicidios-aumentam-no-nordeste-durante-a-pandemia/>> Acesso em: 20 jul. 2020.

D'ACELINO, S. **Cânticos de contar contos. Revisitação a ancestralidade Afro Sergipana**. Aracaju: Jandrade, 2019.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FBSP. **Atlas da Violência 2018**. 2018. Disponível em:  
<[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/180604\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2018.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2020.

GONZALES, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em:  
<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod\\_resource/content/0/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20-%20-%20Racismo\\_e\\_Sexismo\\_na\\_Cultura](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod_resource/content/0/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20-%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura)>

Brasileira%20%281%29.pdf> Acesso em: 23 jul. 2020.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. MNU Jornal, 19 (maio/junho/julho. 1991). Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/wp-content/uploads/2013/07/entrevista-lesia-mnu.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2020.

Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres em Saúde (CEPEDES). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. MELO, B. Do. et al. (org). **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: violência doméstica e familiar na COVID-19**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. Cartilha. 22 p. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41121>> Acesso em 23 mai. 2020.

MORAES, V. A. **Reflexões artístico-filosóficas sobre a humanidade negra**. Ítaca, 0(36), 164 - 226. 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/31895/19770>> Acesso em 17 jul. 2020.

NAÇÕES UNIDAS. **Violência contra mulheres e meninas é pandemia das sombras**. Phumzile Mlambo-Ngcuka. Nações Unidas, Brasil, 08/04/2020. Disponível em: <<https://www.onumulheres.org.br/noticias/violencia-contra-as-mulheres-e-meninas-e-pandemia-invisivel-afirma-diretora-executiva-da-onu-mulheres/>> Acesso em 11 jul.2020.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978

NASCIMENTO, M. B. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. Historiografia do Quilombo**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4934266/mod\\_resource/content/1/Untitled\\_29082019\\_193614.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4934266/mod_resource/content/1/Untitled_29082019_193614.pdf)> Acesso em 17 jul.2020.

NASCIMENTO, W. F. **Por uma vida descolonizada: diálogos entre a bioética de intervenção e os estudos sobre a colonialidade**. Brasília: UnB. 2010. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7898/3/2010\\_WandersonFlorDoNascimento.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7898/3/2010_WandersonFlorDoNascimento.pdf)> Acesso em 27 jul.2020.

NJERI, A; RIBEIRO, K. **Mulherismo Africana: práticas na diáspora brasileira**. In Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 2, p. 595-608, maio/ago. 2019. Disponível em: <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss2articles/njeri-ribeiro.pdf>> Acesso em 18 jul.2020.

NOBLES, W. **Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado**. In: NASCIMENTO, E. (Org.) Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 277-298. Disponível em: <<https://psicologiaeafricanidades.files.wordpress.com/2012/09/nobles->

portugues.pdf> Acesso em: 26 jul.2020.

NOGUEIRA, S. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

RAMÃO, S. R.; MENEGHEL, S. N.; OLIVEIRA, C. **Nos caminhos de Iansã: cartografando a subjetividade de mulheres em situação de violência de gênero**. Psicologia e Sociedade – ABRAPSO. Porto Alegre, v. 17, n. 2, jul./dez. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n2/27047.pdf>> Acesso em: 23 jul. 2020.

RATTS, A. **Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo, 2006. Disponível em <<https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/eusouatlantica.pdf>> Acessado em: 23 jul. 2020.

RIBEIRO, D. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, K. **Mulher Preta: Mulherismo Africana e outras perspectivas de diálogo**. Alma Preta: Jornalismo Livre: O Quilombo. 24 Janeiro 2019. Disponível em: <<https://almapreta.com/sessao/quilombo/mulher-preta-mulherismo-africana-e-outras-perspectivas-de-dialogo>> Acesso em: 18jul. 2020.

SANTOS. A. O. **O Enegrecimento da Psicologia: Indicações para a Formação Profissional**. 2015. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932019000500305#:~:text=0%20texto%20traz%20o%20contexto,posibilidade%20de%20enegrecer%20a](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000500305#:~:text=0%20texto%20traz%20o%20contexto,posibilidade%20de%20enegrecer%20a)

%20Psicologia> Acesso em: 28 jun. 2020.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro: as visicitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, B. O. **Aquilombar-se: Panorama histórico, identitário e político do movimento quilombola brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de Brasília (UnB), Brasília (DF), 2008. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2130/1/2008\\_BarbaraOliveiraSouza.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2130/1/2008_BarbaraOliveiraSouza.pdf)> Acesso em: 22 jul. 2020

SUNWOLF, J. **Era uma vez, para a alma: uma revisão dos efeitos do storytelling nas tradições religiosas**. Comunicação & Educação. São Paulo: Revista do Curso de Especialização em Gestão da Comunicação da Universidade de São Paulo, a.10, n.3, p.305-325, set./dez. 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37544/40258>> Acesso em: 15 jul. 2020.

PIEIDADE, V. **Dororidade**. São Paulo: Editora NÓS, 2017.

PORTUGAL, C. M. **Entre o consultório e o terreiro: mediações, ruídos e silenciamentos nos itinerários terapêuticos de adeptos do candomblé**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, 10(1). 2016. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/955/pdf955>> Acesso em: 17 jul. 2020.

PÓVOAS, R. do C. **Itan dos mais velhos**. (contos). – 2. ed. – Ilhéus, Ba: Editus, 2004. Disponível em: <[http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais/itan\\_dos\\_mais\\_velhos.pdf](http://www.uesc.br/editora/livrosdigitais/itan_dos_mais_velhos.pdf)> Acesso em: 10 jul. 2020.

PRANDI, R. **Herdeiras do Axé: Sociologia das religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Hucitec. 1996.

VELECI, N. N. **Cadê Oxum no espelho constitucional?: os obstáculos sócio-político-culturais para o combate às violações dos direitos dos povos e comunidades tradicionais de terreiro**. 2017. 145 f., il. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/25246/1/2017\\_NailahNev esVelegi.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/25246/1/2017_NailahNev esVelegi.pdf)> Acesso em: 10 jul. 2020.

WILLIAM, R. **Apropriação Cultural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.